

Com os 'vestibulinhos', crianças aprendem cedo o que é concorrência

Provas de ingresso em colégios são alvo de debate entre educadores, pais e até Justiça

Dandara Tinoco

• Uma brincadeira de colocar grãos — milho, arroz, feijão — dentro de garrafas. A atividade foi proposta a João Cláudio, então com 6 anos, como parte de um processo de avaliação para ingressar no Colégio Santo Agostinho, na Zona Oeste do Rio, em 2009. Depois de cumprir a tarefa, o menino pegou uma das garrafas para brincar, usando o recipiente como um chocalho. Sua mãe, a advogada Flávia Braga, atribuiu ao "impulso" o fato de João Cláudio não ter sido aprovado para a escola. Contratou uma professora particular para que, nos fins de semana, o garoto, hoje com 7 anos, e sua irmã, Manuela, de 6, desenvolvessem atividades que "exigem atenção e concentração", como colorir. As aulas duraram quase um ano. Ambos foram aceitos no Santo Agostinho no início de 2011.

— Não imaginava que era tão concorrido. Ele achou que era o único a não passar, mas expliquei que isso acontece com muitas crianças. Acho que o colégio busca pessoas mais organizadas. E, se não fizer isso, como vai selecionar? — indaga Flávia.

A pergunta da mãe de João Cláudio é repetida por coordenadores de escolas que adotam avaliações para entrada de crianças quando há mais candidatos que vagas, os chamados vestibulinhos. As provas, ou vivências, como preferem chamar alguns colégios, são alvo de polêmica que envolve educadores, pais, Justiça. E passa pelo questionamento da legalidade da prática.

CNE é contra concursos

• Três pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE) recomendam a proibição das avaliações para acesso ao fundamental. Eles se baseiam no artigo 31 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. "A avaliação jamais deverá ser utilizada de maneira punitiva contra as crianças, não se admitindo a reprovação ou os 'vestibulinhos' para o acesso à educação infantil e à primeira série do ensino fundamental", diz trecho de documento de 2007. As recomendações foram homologadas pelo Ministério da Educação.

Em 2007, as avaliações motivaram uma ação do Ministério Público Federal em São Paulo, que teve como réus três tradicionais escolas — Nossa Senhora das Graças, Porto Seguro e Santa Cruz —, além do estado de São Paulo e a União Federal. Para a procuradora Eugênia Gonzaga, autora da ação, há ilegalidade também nas provas para o 6º ano.

— A criança tem direito ao fundamental inteiro. Para mim, essas escolas estão na ilegalidade. Mesmo essas manhãs de vivência geram dano psicológico na criança — defende a procuradora, que classifica o vestibulinho como um "método eugenésico de seleção" e defende "critérios objetivos" como sorteio, ordem de inscrição e prioridade para quem já tem irmãos matriculados na escola.

Parte desses critérios é adotada pelo Colégio Vértice, em São Paulo, o mais bem colocado no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2009. São feitas ainda entrevistas e avaliação do material usado pelo aluno. Um dos diretores da escola, Adilson Garcia, diz que os procedimentos não são classificatórios:

— Não acreditamos no vestibulinho, não nos interessa traba-

lhar só com uma elite intelectual. Muitas vezes o que interessa é a boa vontade do aluno.

No CAP-Uerj, no Rio, que, ao lado do Pedro II e do Colégio Militar, está entre as escolas públicas mais concorridas do estado, o sorteio é usado para o ingresso no 1º ano do fundamental. Os candidatos ao 6º ano fazem uma avaliação de Português e Matemática. A relação de candidatos por vaga é de cem para uma.

— No 6º ano, como já cursou séries anteriores, o aluno tem de estar preparado — diz a coordenadora pedagógica do colégio, Vânia Moreira. — A prova é bastante adequada ao nível cognitivo da idade. E, em geral, os alunos se preparam com cursos.

Um desses preparatórios é o Colégio e Curso Desafio, no Rio. No ano passado, um de seus alunos ficou em primeiro lugar geral no concurso de admissão ao 6º ano do Colégio Militar.

— As provas são muito difíceis, mas concurso é mais democrático que sorteio porque premia quem se preparou — avalia a diretora e coordenadora do preparatório de admissão ao 6º ano, Márcia Mattos.

As provas normalmente ocorrem em outubro, mas cerca de 30 crianças estão matriculadas nas aulas extras de Matemática e Português, que ocorrem no turno oposto às aulas convencionais, duas vezes por semana.

Ao ser perguntada se ficará

nervosa no momento da avaliação, Ananda Justino, de 10 anos, responde de bate-pronto:

— Sim. Fiz a prova no ano passado e não passei. Vinha de uma escola mais fraca e não estava com uma base boa.

— Eu também fico bem nervoso — completa Humberto Almeida, de 11 anos.

Mãe de Bernardo, de 13 anos, e Júlia, de 10, a arquiteta Bernadete Marins lembra que o filho "ficou gelado" ao fazer a prova para o Colégio Militar.

— Ao ver o tamanho da fila, se impressionou. A criança tem de estar querendo mesmo entrar na escola, porque é um ano sacrificante. Tem de estudar de manhã, de tarde e de noite. Mas concor-

rência é para a vida inteira.

O menino passou nas três escolas e optou pela militar. Agora ajuda sua irmã, que faz o preparatório, a estudar.

— Sempre falo para a Júlia estudar porque sei como é: se bo-bear, já era — diz.

A pedagoga Bertha do Valle, da Faculdade de Educação da Uerj, diz que os pais precisam estar preparados para lidar com a criança que será submetida a um desses testes.

— O clima da família é a coisa mais importante. Os pais devem mostrar que, passando ou não naquela prova, o filho continuará sendo amado. Se a família ficar cobrando, a tendência é não querer estudar. ■

“

A prova é bastante adequada ao nível cognitivo da idade

Vânia Moreira, coordenadora pedagógica do CAP da Uerj

Para mim, essas escolas estão na ilegalidade

Eugênia Gonzaga, procuradora

Os pais devem mostrar que, passando ou não naquela prova, o filho continuará sendo amado

Bertha do Valle, pedagoga



Fotos de Gustavo Stephan



MÁRCIA MATTOS,

coordenadora de curso preparatório para admissão ao 6º ano com a turma de alunos, acima. À esquerda, Humberto, de 11 anos, e Ananda, de 10: crianças tentam pela 2ª vez entrar em escolas

Simone Marinho

ESCOLA COM QUE EU SONHO

Dorotéia Frota Santana • Professora das redes estadual e municipal

Arquivo pessoal



Afeto e consciência crítica

• A escola dos meus sonhos traria para a frente de cena todos os que, no dia a dia, fazem o sentido da escola: alunos, pais, professores, diretores e funcionários. Essa escola teria uma estrutura de recursos humanos que atendessem a toda necessidade do cotidiano escolar. O acolhimento na hora da entrada seria com contação de histórias e relaxamento. Com tantas escolas em comunidades que convivem com a violência, esse seria um período para os alunos receberem carinho e se sentirem acolhidos. Essa escola desenvolveria a consciência crítica dos alunos e teria também intercâmbio e parcerias com as universidades públicas. Na década de 80, houve uma semana da ciência e tecnologia com grupos da UFRJ dentro das escolas, em que havia estandes com experimentos sobre o corpo humano. As crianças adoram esse tipo de coisa. Seria ainda uma escola com um cotidiano vivo, articulando saberes com muitas atividades, como capoeira, dança, teatro, artes, música, artes plásticas. O governo deveria também investir verbas em passeios culturais, que hoje são bancados pelas escolas. E há, claro, a questão do professor. O meu sonho é trabalhar em um único lugar e não ouvir mais a minha filha reclamar que passo pouco tempo em casa.

OS IRMÃOS

Bernardo e Júlia: menino já passou em concursos para três escolas e agora ajuda a menina, que faz curso preparatório, a estudar

